

---

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

## GUSTAVO FRANCO

### O senador e o Banco Central

FUI "SABATINADO" pela Comissão de Assuntos Econômicos do Senado em duas ocasiões, quando precisei ter meu nome aprovado para ocupar cargo de direção no Banco Central. Assisti a inúmeras outras sabinas e, em algum momento a partir de 1995, se tornou uma rotina, nessas ocasiões, ouvir do senador Jefferson Péres sempre a mesma observação certa e repetida com a paciência própria de quem se acostumou a dizer as coisas exatamente como elas são: "Esse ritual é ocioso e desnecessário", disse ele, "pois o presidente da República, que nos está propondo os seus nomes, não nos pedirá autorização, nem nossa opinião, quando for demiti-los. Enquanto o presidente permanecer com esta prerrogativa, o Senado não deveria sabinar ninguém".

Em setembro de 1997, quando o sabinado fui eu, o senador repetiu este mesmo discurso, mas, desta vez, já tínhamos várias combinações acertadas. Já tinha tido a oportunidade de explicar ao senador que, no mundo inteiro, os dirigentes dos bancos centrais tinham mandatos de duração fixa. Guardadas as formas particulares de cada país, o conceito é o mesmo: o presidente não pode demitir os dirigentes dos respectivos bancos centrais sem alguma forma de autorização do Legislativo.

Faria todo sentido, portanto, como sempre quis o senador, que as sabinas pudessem ocorrer tanto na entrada, para nomear, como na saída, no caso de demissão.

Lembro que, quando expliquei que a existência desses mandatos era o principal atributo a compor essa coisa conhecida como "independência do Banco Central", o senador achou a maior graça: "Então é isso? Só isso? Por que então é tão complicado?".

A complicação reside em que a "independência" é um assunto pertinente à boa governança corporativa. Pode haver

conflito de interesses entre o acionista (o Tesouro) e a missão da instituição, que cobre o conjunto de interessados na saúde da moeda do país.

O tempo passou e novas agências reguladoras "independentes" foram criadas, com conselheiros dotados de mandatos fixos, e cuja missão era zelar por interesses amplos, como os dos consumidores, nem sempre bem alinhados com os interesses do governo.

Depois de alguns anos, tive o privilégio de reencontrar o senador, poucas semanas antes de sua morte, no saguão do aeroporto de Brasília, onde, como eu, esperava inconformado por um voo atrasado. Ele não estava satisfeito com os progressos do país no assunto da independência das agências reguladoras. Por mais este motivo, ele deveria ter ficado mais tempo entre nós.

---

[gh.franco@uol.com.br](mailto:gh.franco@uol.com.br)

**GUSTAVO FRANCO** escreve aos sábados nesta coluna.

Texto Anterior: [Rio de Janeiro - Plínio Fraga: A promotoria está contra você](#)

Próximo Texto: [Frases](#)

[Índice](#)